



N.º 44 — LISBOA, 12 DE NOVEMBRO

1.º ANO 1903

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correto..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros... 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOZIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua 10 Almada, 32 e 34

TEIXEIRA LOPES



*do grande mestre Teixeira Lopes
12 de Novembro de 1903*

O ULTIMO RETOQUE

Em volta do monumento

Quando pela primeira vez appareceu nos jornaes a noticia de que um grupo de amigos de Eça de Queiroz se propunha alliciar adhesões á idéa de erigir n'uma praça de Lisboa um monumento que ficasse lembrando o grande romancista e a sua obra, o paiz, ou senão o paiz, as classes interessadas na sua vida litteraria, friamente duvidaram do exito d'essa empreza, porque desde logo se lhes affigou que Eça de Queiroz era um morto muito viçoso ainda para legalmente entrar n'uma immortalidade que, entre nós, vem sempre de tal maneira tarde que, por via de regra, o que ella recebe não são mesmo cadaveres putrefactos, mas um incerto lixo. Depois, essa curiosa incompatibilidade com os phenomenos do presente, que é um dos traços do nosso caracter, que nos faz repudiar com frieza tudo quanto é contemporaneo e só adoptar com energia o que tem um cunho archeologico, leva nos de igual modo a regeitar como prematuros todos os juizos que não tenham pelo menos um seculo de maturação. — Uma opinião decisiva sobre Eça de Queiroz contemporaneo, traduzindo-se n'um monumento publico, pareceu prematura, e a idéa dos seus amigos condemnada a expirar no insuccesso das resoluções precipitadas, quando, uma manhã, dois trabalhadores foram vistos, em mangas de camisa, cavando a terra, sob a palmeira da rua do Alecrim.

Então, surpreendidos pelo advento d'este Queiroz da vespera, saído das estantes para o marmore, com infinitas apparencias de vida, algumas opiniões beatas accorrem pressurosas a deplorar Queiroz na praça publica, exposto ao vento e á chuva, e a reclamar-o para a devoção e o aconchego da familia litteraria, a que elle afinal unicamente ficava pertencendo, no meio da inhospitalidade e da incomprehensão do ignaro publico.

O que queriam significar os autores d'estas opiniões?

Que Eça de Queiroz ficava intelligivel?

Parece que sim.

Comtudo, nada menos exacto.

A doutrina dos artistas incomprehendidos só veio depois que elles verdadeiramente deixaram de se fazer comprehender. A' força de se torna-

rem intelligíveis, os escriptores e, em geral, todos os artistas que tem vindo sobrepondo-se ás velhas gerações litterarias e artisticas, encontraram-se com effeito reduzidos a attribuir á inferioridade mental do publico a indiferença que este não cessava de manifestar pela sua arte. D'ahi a concepção de uma arte superior — incomprehendida. Mas o certo é que essa arte só deixou de ser comprehendida pelo facto de não se fazer comprehender sufficientemente, o que, em arte, como em tudo, é um grave defeito. Realmente é para deplorar que o poeta, ou o artista que pretende transmitir-nos impressões não o consiga senão muito incompletamente, mas o mal não é nosso que os escutam: é d'elles que não nos sabem falar.

Ora, incluir Eça de Queiroz, artista e escriptor tão agudamente expressivo, no numero dos incomprehendidos, é pelo menos deturpar factos.

Eça de Queiroz não foi um incomprehendido, porque não houve nunca em Portugal quem como elle escrevesse fabulas de uma moral mais intelligivel, com os recursos de uma imaginação mais fiel e de uma lingua mais exacta. A superioridade da sua arte consistiu justamente em ser caracterizada por um admiravel espirito d'ordem e por uma esplendente abundancia de luz.

Eça de Queiroz não foi um escriptor popular — eis o que é.

Mas assim como Eça de Queiroz não foi um escriptor popular no seu paiz, ingrato ás letras, elle não o seria jámais na propria França alitterada, onde Flaubert seu irmão ficou na litteratura e só Eugenio Sue na multidão.

E porquê?

Porque só são populares os escriptores que constantemente falam á multidão menos pela arte que pela imaginação.

Não ha, portanto, incomprehensão: o que ha são necessidades de espirito, que uns satisfazem, outros não, o que não é razão para se formar na sociedade uma casta intellectual e uma bemaaventurança á parte para os seus eleitos.

Que Eça de Queiroz não tenha sido um escriptor popular — está bem. Mas que por esse motivo a Arte que elle ennobreceu, a litteratura que elle enriqueceu e aquelles que o leram e amaram fiquem privados de lhe testemunhar publicamente a sua admiração e o seu reconhecimento, — eis o que é pelo menos prestar uma vas-

salagem exaggerada aos suffragios das maiorias. Admittindo, porém, que Eça de Queiroz tenha morrido na ingrata incomprehensão, ainda assim o marmore que lhe foi erigido pela sympathia dos seus amigos seria legitimo e benefico, porque significaria um orgulhoso protesto arrojado á face do seu tempo ignaro e um eloquente convite á justiça de melhores tempos.

Mas não! Na verdade, a idéa de se exigir um monumento á memoria do romancista do *Primo Bazilio* não surpreendeu por ser prematura, ou inconsiderada, mas tão sómente por ser — nova.

Com effeito, a iniciativa da gloria pelo monumento pertencia até aqui aos poderes publicos. A rua era do *Diario do Governo*; o monumento uma forma de pagamento de dividas do Estado. Quando se inaugurava algum, os jornaes diziam: «O Estado acaba de saldar uma divida de gratidão». Ao Sá da Bandeira pagou-se o braço, ao Camões o olho. Tinha Eça de Queiroz feito ao Estado algum d'esses magnanimos sacrificios? Não. Tinha-o simplesmente servido com zelo? Das suas funcções de consul nada constava e só constava das suas attribuições de romancista-naturalista. Quando, além d'isso, se soube que o Estado não se associava á idéa do monumento e que as despesas não corriam pelo ministerio das obras publicas, a idéa pareceu pelo menos — revolucionaria.

O monumento a Eça surpreendeu. Se no dia seguinte se decretasse uma estatua ao Elvino de Brito, toda a gente acharia naturalissimo.

Mas não importa!

Pondo Eça na rua, os seus amigos ennobreceram a rua e a rua é a civilização. Quem d'ora ávante passar pela rua do Alecrim, ha de ter uma idéa — ai de nós! — enganadora de nós mesmos, mas emfim tel-a-ha. O tempo fará esquecer que foi a piedade e a admiração d'esses homens que ali puzeram n'um bom marmore uma tão delicada affirmação de gosto e de cultura e Portugal nobilitado poderá dizer como o Santos Cardoso na revolta do Porto: «Rapazes! Abraçae o auctor de tudo isto!»

Elle — coitado! — não tinha sido o autor de coisa alguma!

JOÃO RIMANSO.



Fogo preso... para averiguações

Abriu-se um novo casco na politica portugueza.

E' o sr. Queiroz Velloso.
Suppunham-n'o cheio de idéas.
Está simplesmente cheio de bichas de rabiar.

Não é positivamente o que se chama um homem politico. — E' um valverde.

Abriu loja, paredes meias com o sr. Jayme Arthur e annunciou já. E' o *Barateiro de Vianna do Castello*. Iluminações á moda do Minho e dá o Bonus Universal.

O advento d'este novo fogueteiro politico fez algum barulho.

Diz-se que ao saber que o governo lhe tinha adjudicado a festa, o sr. Jayme Arthur partiu como um foguete... de tres respostas para o ministerio do Reino.

Aguardemos os acontecimentos.



Afim de não beliscar as susceptibilidades do rei de Hespanha, que frequentemente terá de passar pela Praça dos Restauradores, parece que ha idéa de remover provisoriamente o ó... belisco.



Perante a visita do rei de Hespanha, a ordem, entre os partidos, é ensarilhar armas.

N'esta ordem de idéas, a Associação 1.º de Dezembro resolveu ensarilhar... trombones.



Idéa engenhosa e delicada

Diz-se que uma das peças de fogo preso que já estão sendo executadas em Inglaterra representará — *Felipa de Vilhena armando seus filhos cavalleiros para irem vér as illuminações.*

O FOGUETEIRO.

**O incorrigível**

Dissémos no numero passado que o sr. Mendonça e Costa alvittrara, em vista da abundancia de moeda de nickel, que o conhecido proverbio — «Quem a boa arvore se encosta boa sombra o cobre», passasse a formular-se d'esta maneira: «Quem a boa arvore se encosta boa sombra o nickel».

Na mesma ordem de idéas, dizia o incorrigível sr. Mendonça e Costa a um dos seus amigos, provedor do Estado, que se lhe queixava do atraso dos respectivos pagamentos:

—O' homem! Nickel-se!

O sr. Mendonça e Costa queria dizer:

—O' homem! Cobre-se!

**As minhas creanças**

Galopim, dediquei os meus cuidados
A' sempre empanturrada monarchia,
Porque vi muitos gajos anafados
Por graça do chorume da fatia.

Sonhei ser um dos dignos deputados
Leito p'lo regedor da freguezia;
E exceder o que fez na Cotovia
Ulisses, pae de heroes assignados.

Arreganhou-me o dente o fado escuro
Toda a esperança perdi de, no futuro,
Dar mais um mandrião á patria mãe!

Agora dentro d'alma abafa o pranto;
Creio no vinho da Serra de Monsanto,
No *Pimpão*, na *Parodia*... e em mais ninguem.

CONSTANTE LEITOR.

**Mulheres paralelas**

A politica ingleza é fertil em exemplos.

Sabe-se que ali, quando um membro da Camara baixa é chamado aos conselhos da Corôa, tem de apresentar-se novamente perante o seu circulo eleitoral, para se proceder a outra eleição. Foi o que aconteceu agora ao *honorable* Alfred Lyttelton, ao ser nomeado ministro das Colonias.

Nas vespéras, porém, do dia marcado para a eleição, Lyttelton adoeceu, e foi sua mulher quem se apresentou nos comícios, fazendo varios discursos, e defendendo energicamente a candidatura do marido, que saiu victorioso.

Em Portugal, sempre que as mulheges pretendem fazer politica, não defendem os maridos: entalam-n'os!

**A sogra de Cambronne**

Na *Revista dos Dois Mundos* vem publicada uma biographia de Cambronne, que offerece particular interesse.

Cambronne contraiu matrimonio cinco annos depois de Waterloo. E querem saber com quem? Com uma ingleza! quem tal diria.

Chamava-se essa ingleza Mary Osborn, e era da Escossia. Da Escossia! Precisamente d'onde tambem eram os soldados que mais concorreram para o ganho definitivo da famosa batalha.

O casamento realisou-se em S. Sebastião, perto de Nantes, em 1823, dirigindo-se os noivos, em seguida, para casa da sogra de Cambronne, velha ingleza de caracões á Dickens, e ali ficaram residindo.

A principio, viviam todos como Deus com os seus anjos. Mas não tardou que entre genro e sogra se declarasse a guerra, travando-se varias e repetidas batalhas domesticas. Até que um bello dia, a propria esposa do General, saindo da systematica neutralidade em que sempre se mantivera, se collocou ao lado da mãe, cerrando as cargas sobre o marido.

Cambronne presentiu outro Waterloo, enterrou o chapéu na cabeça, pegou na bengala, e saiu atirando com as portas.

O biographo da *Revista dos Dois Mundos*, respeitando as conveniencias, não refere o que Cambronne foi dizendo pela escada abaixo. Mas tudo nos leva a crêr que elle fosse dando ás inglezas a mesma resposta que já déra aos inglezes.

**Questões economicas**

Lê-se num jornal:

«Sabem os senhores quanto gasta a Inglaterra com o seu exercito, que aliás é inferior á sua esquadra?

Imagem!

Oitenta e cinco milhões de libras, ou seja quatrocentos e setenta e cinco contos na nossa moeda.»

Ha equivoco. O que a Inglaterra gasta da nossa moeda não é com o seu exercito. E' com as suas colonias.

O NOSSO POVO



Hontem ingleses, amanhã hespanhoes, mais tarde italianos ou francezes, nós somos positivamente um povo de braços abertos á Civilisação.

A tatuagem

Outra moda ingleza que vamos vêr adoptada, certamente, na nossa primeira sociedade, é a da tatuagem. Em Londres a profissão do tatuador é hoje das mais lucrativas entre os pequenos officios.

Ha um mister South, que tem executado na pelle de clientes seus algumas verdadeiras obras de arte.

Uma formosa rapariga ingleza consentiu que elle lhe desenhasse pelo corpo as scenas mais interessantes da paixão de Christo, ficando o Calvario — em Alcantara.

Uma outra quiz que elle a cobrisse de sanscrito, com inscripções em todos os sentidos. E' com certeza uma creatura com quem só o Sr. Vasconcellos Abreu se pôde agora entender.

Outra ainda pediu a mister South que lhe fizesse o *looping the loop* em volta da sua esbelta figura, indo o homem de cabeça p'ra baixo.

Em Londres, ao que parece, é tatuada muita gente boa.

Na aristocracia, na politica, na finança, contam-se muitos casos de tatuagem. A tatuagem chegou já ao corpo diplomatico.

O Sr. Marquez de Soveral, por exemplo, é tatuado: tem no quadril direito a corôa da Inglaterra.

**Contrastes**

No Theatro do Principe Real volta á scena a *Vida de um rapaz pobre*, e ainda dá dinheiro.

Experimentem a pôr em scena a vida do Sr. Monteiro dos Milhões.

Não dá um vintem!

**Academia alegre**

Diz o *Diario de Noticias*:

«Não poudé reunir hontem á noite, como fôra annuciado, nem a assembléa geral, nem a primeira classe, por falta de numero regulamentar. No entretanto por espaço de hora e meia, estiveram reunidos em alegre conversação scientifica e litteraria os socios srs. Pina Vidal, Filippe Nery Delgado, Schiappa Monteiro, Almeida Lima, Marrecas Ferreira, Carvalho Monteiro, Leite de Vasconcellos, Rodolpho Guimarães, Antonio Cabreira e Brito Aranha».

Parecia uma academia recreativa, ao Bemformoso!

**A estatística**

Para mostrar o grande desenvolvimento que se tem dado á instrucção em França, sob a Republica, refere um jornal nosso que dos 17,110 mancebos que figuram nas listas do actual recrutamento de um anno nos 20 bairros de Paris, apenas 64 não sabem lêr nem escrever, e accrescenta:

«D'este numero ha a deduzir 51 que são idiotas».

Em Portugal então é justamente o contrario.

51 que sabem lêr e escrever. O resto, quer dizer 17,110—são idiotas.

**Astronomia política**

Em conversação com um redactor das *Novidades*, a proposito da chuva de estrellas annunciada para o proximo dia 15, um sabio astronomico contou o seguinte, referindo se aos cometas:

—Com o cometa Borely deu-se um facto curioso. Num dado momento, partiu-se a cauda do cometa, continuando elle a sua trajectoria apenas com um fragmento, e deixando o restante desprezado no espaço.

Quer dizer, não era um cometa partido: era o partido regenerador.

**Theatro normal**

A policia judiciaria, procedendo a averiguações, descobriu que o roubo de 2:400 acções da Companhia de Moçambique, desaparecidas do cofre de um negociante da nossa praça, fôra praticado por um filho do proprio queixoso.

O accusado poz uma capa côr de café, metteu os titulos numa pequena mala de mão, puchou o chapéo para os olhos, e partiu para o Estrangeiro, tendo gasto parte do roubo, e levando ainda comsigo uns 20 contos.

Esta peça, que o filho pregou ao pae, é que deveria intitular-se a *Consciencia dos Filhos*.

**Marche!**

Para provar o seu reconhecimento ao fallecido professor Momensen, o Imperador da Allemanha — referem os jornaes — ordenou que se lhe erguesse em Soalburg uma estatua em marmore.

E' o caso de se dizer: el-rei não manda chover, manda marchar... para a immortalidade.

Na monarchia militar da Allemanha é tudo a toque de caixa.

Até a gloria.

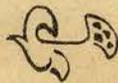
**Sapateiro de escada**

Eu vi-te sapateiro numa escada; Deitavas menos mal tacões em botas. Poste depois heroe nessas batotas Chamadas eleições na patria amada.

Dêste mais para a frente uma guinada, Na politica andando ás cambalhotas; E, depois de seguir varias derrotas, Chegaste a ser de Arroyos camarada.

Se não te perseguir fado sinistro, Trepas ás alturas de ministro... Agora de que pasta é que eu não sei.

Verás então cumpridos teus desejos, Poderás metter faca em varios queijos, Serás o que é melhor do que ser rei.

**Uma idéa**

O *Correio Nacional* inserte um artigo intitulado «Uma idéa do Senhor Eusebio».

Deve ser do Sr. Eusebio Palmeirim.

**Vinho com agua**

Disse uma folha:

«Para o acto da inauguração da Adega Regional de Coimbra, a que assiste o Sr. Ministro das Obras Publicas, foram convidadas todas as autoridades do districto, chefes de repartições do Ministerio das Obras Publicas, representantes das associações e da imprensa, etc.

No salão nobre dos Paços do Concelho será amavelmente offerecido aos convidados um copo d'agua.»

Offerecer um copo d'agua numa adega não é uma amabilidade. E' uma troça.



DE BORLA

Dialogo ouvido depois de uma das recitas de Italia Vitaliani, na Trindade:
 — Então por onde tem andado?
 — Venho agora da Italia.
 — Esteve em Veneza?
 — Não! Estive na geral.



Conta o critico theatral do *Dia* que, á saída de um dos espectaculos da Italia, um amigo lhe disséra: «cada vez me convenço mais de que o theatro é para os que não sabem, ou não podem lêr.»

De todos os modos, o theatro é principalmente para os que podem ouvir.

Os surdos é que estão alguma coisa encravados.



Para o fim do mez, annuncia-se Coquelín no D. Amelia.

Em virtude das amiudadas visitas do grande actor, o sr. visconde de S. Luiz de Braga — diz-se — passará a chamar ao theatro D. Amelia o — *Rendez-vous des gourmets*.



No Gymnasio despede-se o Pinto. E' o seu ultimo anno de gerencia. Depois, Supremo Tribunal. Quer dizer: Dôr Suprema!



Em D. Maria ensaia-se a *Dolores*, em attenção á proxima visita do rei de Hespanha.

Bailados — da *Carmen*.

No Colyseo, as phocas, como se demorem, estão tomando lições de portuguez com o sr. Sousa Monteiro. Já ninguém as entende.



Conselhos d'um pae

Sou pescador de Cezimbra, E' bem duro o meu labor; Mas tu és hoje um *doitor*, Visto que andaste em Coim bra. A politica é quem gimbra Nestas coisas nacionaes. Meus conselhos paternaes Deixa-os entrar p'los ouvidos: — Fura em todos os partidos, E segue o que te dêr mais.



MOTE

Das lagrimas faço contas
 Com as quaes reso ás escuras...
 Oh! morte que tanto tardas!
 Oh! vida que tanto duras!

GLOSA

A vida levo a chorar,
 Parece um mar o meu pranto;
 Nada me importa do canto
 Que as aves soltam no ar!...
 Já não me atrevo a contar
 Da minha sorte as affrontas;
 Vou seguindo como ás tonas
 O meu terrivel fadario
 E, na falta d'um rosario,
 Das lagrimas faço contas.

Contas que perderam luz,
 Contas alheias ao brilho,
 E que, como as de coquilho,
 Pendente tem uma cruz!...
 A esperança não me seduz
 Entre as minhas maguas duras;
 Vou curtindo as amarguras
 Que no flagello são promptas,
 Nunca largando estas contas
 Com as quaes reso ás escuras!

Lamentar a horrenda sorte,
 Não me querer quem eu quero,
 E' viver num desespero
 Muito peor do que a morte!...
 Por isso intento ser forte
 E digo: — Não me acobardas!
 Para quando é que te guardas
 Em trazer o que desejo,
 Oh! morte que tanto invejo!
 Oh! morte que tanto tardas!

Quando alguém se esquia á dôr,
 Quando á desgraça se furta,
 Uma vida longa é curta,
 E' bafejada de amor!
 Quem vive do eterno horror
 Entre as malditas torturas,
 Sonha com as sepulturas
 Que guardam ossos mirrados,
 E clama entre tristes brados:
 Oh! vida que tanto duras!

SEVERA, FILHA.



Instituições e gorjetas

Entrou na sua segunda série a publicação que se intitula o *Vintem das escolas*, e que representa uma sympathica obra de beneficencia, de instrucção civica, e de educação civica. Parece uma gorjeta, e é, uma instituição.

O *Vintem das Escolas* promove o desenvolvimento moral e intellectual das classes trabalhadoras; auxilia as creanças pobres; promove a federação das escolas seculares de ensino livre; estabelece premios aos professores e alumnos que os mereçam; etc.

Na verdade não sabemos como é possível fazer tanto, com tão pouco. Não devia ser um *vintem*: devia ser um pataco...

...O Pataco das Escolas!

Ouivesaria e Relojoaria
 com officina annexa
 de fabrico e
 concertos



FLORINDO

Jóias
 com brilhantes
 Preços limitadíssimos
 99, RUA AUREA, 99

GASTON PIEL

Callista effectivo da Casa Real

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

Extirpações sem dôr de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

Callista

pedicuro

JERONIMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)



EXTRACÇÃO de callose
 E desencravamento de unhas
 pelos mais modernos processos
 até hoje conhecidos.
 Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

Taboletas
 Em todos os generos
 Francisco Santos
 R. Gremio Lusiitano
 Lusit. 41, 13

ENCADERNAÇÃO

Simples e de luxo, cartonagens, dourados em fitas para corôas e em toda a qualidade de pélles. Casa premiada em diversas exposições.

PAULINO FERREIRA

126, Rua Nova da Trindade, 132

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qualquer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogos illustrados. Capas para a encadernação d'A Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno, 700 réis. Empaste 200 réis.

ALVES & FERREIRA

220, Rua Augusta, 222

O MEZ TERRIVEL

(RENDA DAS CASAS)



— Uma esmolinha, por amor de Deus... não tenho aonde dormir...
— Que sorte que Você tem, homemsinho, em não ter que pensar na renda da casa...

DE HESPANHA NEM BOM VENTO...



O util,

O agradável,

O superfluo,

Que já por cá temos.